

### CAPÍTULO 3

## Nomes Próprios nos manuscritos saussurianos: da Linguística às Lendas Germânicas

No capítulo anterior, explicitamos o tratamento destinado aos nomes próprios no CLG. Percebemos que, nessa obra, há duas formas de ocorrência dessa categoria: de maneira negativa, com as críticas saussurianas às concepções que consideravam a língua como uma nomenclatura; e de maneira positiva, quando o nome próprio é denominado por Saussure como uma “palavra isolada”, que não estaria submetida ao fenômeno da analogia. Além disso, também percebemos que há indícios de uma relação entre os nomes próprios, o princípio da arbitrariedade, o valor linguístico e a *parole* (fala).

A negação da nomenclatura, como generalização do funcionamento linguístico, por exemplo, pareceu-nos um aspecto importante para a consolidação da teoria de Ferdinand de Saussure, tendo em vista que é somente ao negá-la que Saussure pôde alçar o funcionamento da língua a objeto de estudo da Linguística moderna. Entretanto, a afirmação saussuriana de que os nomes próprios são “palavras isoladas” possui algumas implicações teóricas, entre as quais podemos ressaltar a de que essa categoria linguística não estabeleceria relações com os outros signos do sistema.

Neste capítulo, assim sendo, investigaremos qual é o tratamento destinado aos nomes próprios em outros documentos saussurianos, com o intuito de encontrar justificativas para a denominação de “palavra isolada” no CLG. Para isso, deteremo-nos nos seguintes materiais: as comunicações proferidas à Société d’Histoire et Archéologie de Genève, entre 1900 e 1904; o manuscrito *Notes Item. Sôme et sème* que, provavelmente, foi escrito no final do século XIX e início do século XX; e o estudo saussuriano sobre as lendas germânicas, desenvolvido por Saussure entre 1903 e 1910.

Apesar de versarem sobre assuntos diferentes, a tensão nas elaborações saussurianas que tratam sobre os nomes próprios permanece também nesses materiais; tanto que, em alguns pontos, há consonâncias entre eles sobre os nomes próprios, mas em outros há divergências que tocam na própria definição de sistema semiológico.

### **3.1. AS COMUNICAÇÕES PROFERIDAS À SOCIÉTÉ D’HISTOIRE ET ARCHÉOLOGIE DE GENÈVE**

Sabe-se que Saussure se deteve no estudo dos nomes próprios/topônimos no início do século XX, especificamente entre 1900 e 1904. Isso é constatado devido à apresentação, nesse período, de três comunicações à Société d’Histoire et Archéologie de Genève, cujo tema abordado eram os nomes próprios e geográficos: “Le nom de la ville d’Oron à l’époque romaine” (28 março de 1901), “Origine de quelques noms de lieux de la région genevoise”<sup>64</sup> (29 de janeiro de 1903) e “Les Burgondes et la langue burgonde en pays romance” (15 de dezembro de 1904). O resumo dessas três comunicações foi

---

64 A comunicação proferida no dia 29 de janeiro de 1903 é a única da qual temos conhecimento do manuscrito, publicado em 1998, no *Cahiers Ferdinand de Saussure* 51.

publicado no *Recueil des Publications Scientifiques de Ferdinand de Saussure*, organizado por Léopold Gautier e Charles Bally, que compreendem as publicações em vida do linguista.

Iniciamos, portanto, com a comunicação intitulada “Le nom de la ville d’Oron à l’époque romaine”, proferida em 28 de março de 1901, na Société d’Histoire et Archéologie de Genève. De acordo com Gauchat (1920)<sup>65</sup>, naquele tempo, o que preocupava Saussure e lhe inspirava a estudar sobre esse assunto era a discrepância entre os dados referentes ao nome da cidade de Oron. Alguns arqueólogos do início do século XX defendiam que essa cidade chamava-se *Promasens*, entretanto, no registro de estações e estradas do Império Romano<sup>66</sup>, essa cidade foi denominada como *Bromagus*. Havia, portanto, a utilização de dois topônimos para designar a mesma cidade.

Todavia, para Saussure, Oron não possuía nem o nome de *Promasens* nem o nome de *Bromagus* na época do Império Romano, sendo essa cidade designada por *Uromagus*. Para provar seu ponto de vista, Saussure teria utilizado um método rigoroso de deduções morfológicas com o intuito de perceber se o nome *Bromagus* tinha relação com o nome Oron. Com o resultado dessa análise, o linguista mostra que *Bromagus* foi uma falha de um copista, sendo que, na verdade, o nome da vila era *Uromagus*, de origem céltica (*Onromagus*).

Tendo em vista que Saussure (1901) utilizou-se de um método de deduções morfológicas, ele finalizou a sua apresentação afir-

---

65 O resumo dessa comunicação é de autoria de Louis Gauchat, que assistiu à apresentação de Saussure, e foi publicado no *Recueil des Publications Scientifiques de Ferdinand de Saussure*, em 1921. É interessante ressaltar que em 1920, Gauchat publica um artigo intitulado: *Le nom de La ville d’Oron à l’époque romaine*, no qual Saussure é colocado como co-autor.

66 Esse registro é intitulado “Litinaire d’Antonin” e continha as direções para se deslocar entre os povoados do Império Romano.

mando que a queda do elemento *magus* aconteceu em quase todos os topônimos que o possuíam. Gauchat (1920) termina o resumo afirmando que a descoberta realizada por Saussure era de grande interesse para a história local<sup>67</sup>.

A segunda comunicação em que nos determos é intitulada “Origine de quelques noms de lieux dans la région genevoise” e foi proferida em 29 de janeiro de 1903<sup>68</sup>. Saussure (1998:275) inicia o texto afirmando que,

O estudo dos dialetos se vê interpelado por toda espécie de ligações íntimas para adotar em sua esfera o estudo dos nomes de lugar e, reciprocamente, as pesquisas toponímicas têm a necessidade de se apoiar continuamente sobre as investigações que lhe fornece uma dialetologia bem esclarecida.<sup>69</sup>.

Saussure teria, então, iniciado a comunicação afirmando a interdependência dos estudos da dialetologia e dos estudos sobre os nomes de lugares. Ao falar com entusiasmo sobre *Glossaire des Patois Romands* e sobre a importância dos estudos de onomástica das várias regiões da Suíça, o linguista discorre sobre o fenômeno de “destruição dos nomes”:

---

67 Nesse ponto, é interessante retomar o CLG, especificamente o capítulo II, na parte dedicada à Linguística Geográfica. Nesse capítulo, Saussure explica o fenômeno de coexistência de várias línguas em um mesmo território e cita, como exemplo, o caso do Império Romano, no qual várias línguas coexistiam, tendo em vista a invasão de um povo superior ou a colonização. (cf. Saussure, 1973, p. 226).

68 No caso dessa comunicação, não utilizamos o resumo publicado no *Recueil*, e sim o manuscrito saussuriano referente a essa comunicação, que foi editado por Miroslav Arsenijevic e publicado no CFS 51, de 1998.

69 Em tradução nossa do original «l'étude des patois se voit amenée par toute espèce de liens intimes à embrasser dans sa sphère l'étude des noms de lieux, et réciproquement les recherches toponymiques ont besoin de s'appuyer continuellement sur les renseignements que lui fournit une dialectologie bien éclairée»

Este fenômeno de *destruição* acontece de várias maneiras que não seriam interessantes de acompanhar e estudar, se não fosse sobretudo *deplorável em seu resultado*, e se nós não percebêssemos todos os dias ou um nome antigo esquecido, um bom e velho nome *deformado* que não poderia muitas vezes encontrar o valor exato daqui a alguns anos, quando não é um nome muito conhecido e garantido pela memória de um grande número de pessoas. (Saussure 1998: 276, grifos nossos).<sup>70</sup>

Ao que nos parece, Saussure possui certa afeição pelos nomes de lugares, haja vista que ele acha deplorável o fato de que alguns nomes são esquecidos ou, muitas vezes, deformados. Mas, além disso, podemos depreender dessa citação algo sobre a natureza dessa categoria linguística: ela sofre transformações de acordo com o tempo e com o uso.

Na continuação do manuscrito, são analisados os topônimos Creux de Genthod, Ecogia, Carouge e Jura. Essas análises são de origem puramente etimológica e diacrônica, no sentido de que consideram a origem desses nomes e a forma com que as mudanças fonéticas ocorreram com o passar dos anos. Saussure igualmente aplica o mesmo método utilizado na comunicação de 1901: por deduções morfológicas, baseadas em documentos de diferentes épocas, busca apreender o processo de mudança dos topônimos.

Por fim, em 15 de dezembro de 1904, Saussure profere a comunicação intitulada “Les Burgondes et la langue burgonde em pays romance”, na qual trata do povo burgúndio e de sua língua. É inte-

---

70 Em tradução nossa do original «Ce phénomène de destruction s'accomplit par plusieurs voies qu'il ne serait pas sans intérêt de suivre et d'étudier, s'il n'était surtout déplorable dans son résultat, et si nous ne voyions tous les jours ou bien un ancien nom oublié, un bien un ancien nom déformé et dont on ne pourrait souvent plus retrouver la valeur exacte d'ici quelques années quand il ne s'agit pas d'un nom très notoire et garanti par le souvenir d'un grand nombre de personnes.»

ressante ressaltar que, nessa comunicação, Saussure faz menção aos *Nibelungen*, uma das lendas germânicas que ele analisava desde 1903 e da qual trataremos adiante. Ainda sobre essa comunicação, o genebrino ressalta que da língua burgúndia sobraram apenas alguns nomes próprios e termos jurídicos e, dessa forma, seria difícil afirmar se essa língua pertencia ao grupo ocidental das línguas germânicas ou ao grupo do gótico. (cf. Saussure apud Gautier; Bally 1922:606).

Sobre esse entroncamento de interesses – topônimos, lendas e história –, Turpin (2003:308) nos esclarece que

Ao mesmo tempo que seus estudos sobre os dialetos, Saussure reflete sobre a relação entre nomeação e eventos históricos, entre história das palavras e história dos homens, mostrando que o estudo dos nomes de lugares da Suíça romana, de suas regras de transformações, pode permitir reconstituir a história desses lugares e as etapas da implantação burgúndia.<sup>71</sup>

Deve-se ressaltar, então, que há uma preocupação em investigar a história, a transmissão de poder e de instituição por intermédio dos nomes de lugares nesses estudos. É essa categoria linguística que possibilita a Saussure concluir que a transmissão de poder do povo burgúndio seguia o princípio da hereditariedade e coexistia com a partilha de poder entre diversos príncipes.

O conteúdo dessas comunicações nos leva a concluir que, apesar de tratarem detalhadamente de aspectos históricos e etimológicos dos nomes próprios e topônimos, elas trazem à tona o in-

---

71 Em tradução nossa do original «En même temps que ses études sur les dialectes, Saussure mène une réflexion sur le rapport entre nomination et histoire événementielle, entre histoire des mots et histoire des hommes, montrant que l'étude des noms de lieux de la Suisse romande, de leurs règles de transformations, peut permettre de reconstituer l'histoire de ces lieux et des étapes de l'implantation burgonde.»

teresse de Saussure por essa categoria linguística. Ademais, o fato de que há uma comunicação que trata dos topônimos burgúndios e do *Nibelungen* já demonstra uma relação entre esses estudos e as elaborações saussurianas sobre as lendas germânicas, nas quais os nomes próprios ocuparão um lugar de destaque.

Após a explicitação desses aspectos, achamos conveniente determo-nos no manuscrito saussuriano *Notes Item. Sôme et sème*, também datado do início do século XX, com o objetivo de procurar nele as considerações sobre a natureza e o funcionamento dos nomes próprios e geográficos que estiveram ausentes das análises apresentadas por Saussure nessas comunicações.

### **3.2. NOTES ITEM. SÔME ET SÈME: UMA DEFINIÇÃO DE SIGNO E DE NOMES PRÓPRIOS E GEOGRÁFICOS**

Em 1955, os filhos de Saussure, Jacques e Raymond de Saussure, doaram duas caixas de manuscritos de seu pai à Biblioteca Pública e Universitária de Genebra, os quais foram catalogados por Robert Godel. É interessante ressaltar que, de acordo com Godel (apud Mejía 1999:237), os editores do CLG tinham conhecimento desses manuscritos:

Os editores do CLG viram essas notas, as quais algumas possuem, no alto da página, à direita, uma breve indicação a caneta da escrita de Bally; mas, desencorajados por não achar lá mais que fragmentos rebeldes a toda classificação cronológica, eles renunciaram a continuar a classificação, e não utilizaram em seu livro mais que excerto dos quais Sechehaye tinha feito uma cópia.<sup>72</sup>

---

72 Em tradução nossa do original «Les éditeurs du CLG ont vu ces notes, dont

Os editores, entretanto, desencorajados pela ausência de classificação cronológica, optaram por não utilizar esses documentos na *Collation*<sup>73</sup>. O manuscrito que analisaremos é denominado *Notes Item. Sôme et sème*<sup>74</sup> e encontra-se nesse conjunto de manuscritos que não participaram da edição do CLG. Ele possui 23 folhas repletas de notas e aforismos, nas quais os temas tratados variam desde a constituição do signo linguístico até os nomes próprios e geográficos. Um ponto importante sobre esse documento é que, apesar de sua não datação, estima-se que tenha sido escrito no final do século XIX ou início do século XX, devido ao fato de que Saussure menciona a obra *Éssai de Sémantique*, de M. Bréal, publicada em 1897.

O nosso interesse por esse documento justifica-se, porque ele possui algumas considerações saussurianas sobre os nomes próprios e geográficos. Entretanto, não as analisaremos isoladamente, tendo em vista que há aforismos que versam também sobre a

---

certaines portent encore, au haut de la page, à gauche, une brève indication au crayon de l'écriture de Bally ; mais, découragés peut-être de ne trouver là que des fragments rebelles à tout classement chronologique, ils ont dû renoncer à poursuivre le triage, et n'ont utilisé dans leur livre que des extraits dont Sechehayé avait fait une copie.»

73 *Collation* é o termo utilizado para designar o resultado da edição dos cadernos dos alunos que participaram dos cursos de linguística geral ministrados por Saussure, entre 1907 e 1911. Para uma análise detalhada desse material, sugiro a leitura de a “*Collation Sechehayé*” du ‘Cours de linguistique générale, de Ferdinand de Saussure, editado e organizado por Estanislao Sofia.

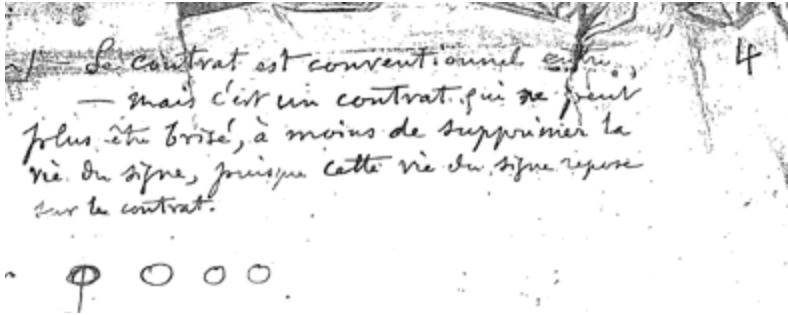
74 Os manuscritos utilizados nesse trabalho foram selecionados e reproduzidos pela Profa. Dra. Eliane Mara Silveira, durante sua estadia em Génève, entre 13 e 24 de junho de 1999, graças ao apoio financeiro do Fundo de Apoio e ensino à Pesquisa (FAEP-UNICAMP). Os critérios de apresentação adotados foram os seguintes: apresenta-se o excerto do manuscrito e logo após a tradução de sua transcrição, sendo o original disponibilizado em nota de rodapé. A transcrição foi realizada considerando tachado para rasuras, sobrescrito para incisos, itálico para palavras sublinhadas, CAIXA ALTA para palavras em caixa alta e [ ] para espaços em branco. As palavras ilegíveis foram grafadas com XXX.



constituição do signo linguístico e sobre a proposta de uma nova terminologia para a linguística. Esses pontos nos parecem ser intrinsecamente associados ao tema principal deste livro.

Nas três primeiras páginas desse manuscrito, Saussure trata da questão da elipse, criticando as considerações de Bréal sobre esse fenômeno. Na quarta página, por sua vez, o linguista inicia uma formulação que nos parece tratar da arbitrariedade do signo:

**Excerto 1.** Notes Item. *Sôme et sème.* Pg. 4



**Fonte:** (Bibliothèque de Genève. Ms. Fr. 3951).

Signe Item. – O contrato é convencional entre [...] – mas é um contrato que não pode ser quebrado, a menos que se suprima a vida do signo, porque essa vida do signo repousa sob o contrato.<sup>75</sup>

75 Em tradução e edição nossa do original: «Signe Item. Le contrat est conventionnel entre [...] – mais c'est un contrat qui ne peut plus être brisé, à moins de supprimer la vie du signe, puisque cette vie du signe repose sur le contrat».

Só há esse excerto no início da página e o restante encontra-se em branco. Seu conteúdo não é explícito, mas podemos inferir que Saussure refere-se à arbitrariedade do signo. O arbitrário é considerado, nesse ponto, como um contrato convencional e tem a sua importância explicitada quando Saussure afirma que “ele não pode ser quebrado, a menos que se suprima a vida do signo, pois essa vida do signo repousa sob esse contrato”.

Se se coloca o arbitrário como “contrato convencional”, lembramo-nos da discussão explicitada no capítulo anterior, sobre um arbitrário whitneyano e tudo o que isso implica, deve-se tomar a expressão “a vida do signo” muito mais em um sentido de circulação social, como será apontado adiante, do que na concepção organicista bastante presente no século XIX.

De qualquer maneira, o excerto acima merece um pouco mais de nossa atenção e isso por três motivos. O primeiro é a presença do espaço em branco justamente quando Saussure vai explicitar entre quais entidades o contrato é convencional, o que nos é um pouco desconcertante e é algo recorrente nesse documento. O segundo é sobre a utilização da palavra signo, que será conceituada de maneira divergente à forma em que é apresentada no CLG, evidenciando o movimento do linguista em seu processo de elaboração teórica. Em terceiro lugar, a existência do desenho no fim do excerto. Sobre isso, Gandon (1995: 207) afirma que:

O círculo inicial representa provavelmente um signo como negativamente solidário dos outros signos (em sincronia) enquanto está sendo constantemente trabalhado (em diacronia) pela evolução da forma (evolução que também é – mas em qual proporção? – do sentido).<sup>76</sup>

---

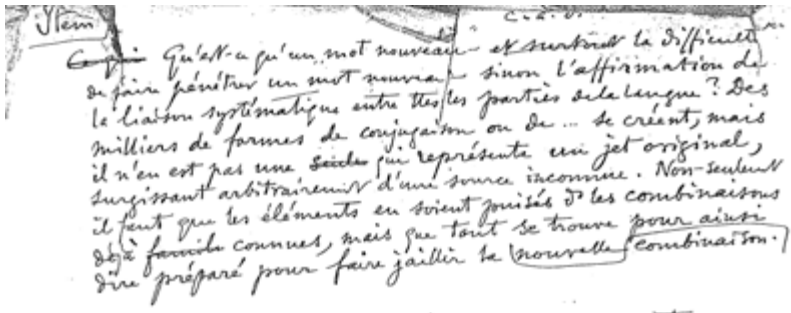
76 Em tradução nossa do original «Le cercle initial représente très vraisemblablement un signe comme négativement solidaire d'autres signes (en synchronie) tout en étant constamment travaillé (en diachronie) par l'évolution de la forme (évolution qui est aussi celle – mais dans quelle proportion ? – du sens).»

A interpretação de Gandon (1995), em nossa análise, é pertinente, entretanto pensamos que esse desenho representa não a distinção sincronia/diacronia, mas as relações sintagmáticas e associativas. Isso se justifica ao considerarmos que o Excerto 1 explicita que o signo é convencional, ou seja, ele é arbitrário – mesmo que nos pareça ser no sentido whitneyano.

Se retomarmos o CLG, na parte dedicada às relações sintagmáticas e associativas, veremos que Saussure afirma uma ligação fundamental entre o arbitrário do signo e o mecanismo linguístico, tendo em vista que é esse mecanismo que limita o arbitrário e permite, dessa forma, a existência do arbitrário relativo.

Logo após essa passagem, Saussure afirma que:

**Excerto 2.** Notes Item. Sôme et sème. Pg. V. 4



**Fonte:** (Bibliothèque de Genève. Ms. Fr. 3951).

Item.

Em que O que é uma palavra nova e **sobretudo**, ou seja, a dificuldade de introduzir uma palavra nova, além da afirmação da ligação sistemática entre todas as partes da língua?

Milhões de formas de conjugações ou de [ ] são criadas, mas não há uma **somente** que represente um jorro original, surgido arbitrariamente de uma fonte desconhecida. Não somente

é preciso que os elementos sejam colocados nas combinações já familiares conhecidas, mas que tudo se encontre, por assim dizer preparado para fazer jorrar a nova combinação.<sup>77</sup>

O Excerto 2 parece corroborar a nossa afirmação de que o desenho com os círculos verticais e horizontais representa os eixos associativo e sintagmático. E isso porque, além de falar em arbitrariedade, Saussure também afirma que “é preciso que os elementos sejam colocados nas combinações já conhecidas”, o que remete ao fenômeno analógico, posto que ele pressupõe o mecanismo linguístico para criar novas formas da língua, utilizando-se de formas preexistentes.

Para que aconteça uma formação analógica, é necessário, portanto, que os eixos associativo e sintagmático sejam mobilizados pelo falante de uma língua e, nesse caso, não podemos afirmar que a nova combinação é fruto de uma arbitrariedade absoluta, mas sim relativa. Além disso, esse “jorro original” pode também remeter a uma concepção de linguagem como nomenclatura, principalmente se retomarmos a ideia de que o “nomoteta” teria sido o primeiro homem a nomear os objetos do mundo.

Algumas páginas após essa afirmação, Saussure substitui o termo “signe” pelo termo “sème” e dá lugar de destaque à noção de sistema “convencional”:

---

77 Em tradução e edição nossa do original: “Item. ~~En quoi~~. Qu'est-ce qu'un mot nouveau et surtout, c.a.d. la difficulté de faire pénétrer un mot nouveau sinon l'affirmation de la liaison systématique entre ttes les parties de la langue ? Des milliers de formes de conjugaison ou de... se créent, mais il n'en est pas une seule qui représente un jet original, surgissant arbitrairement d'une source inconnue. ~~Non-seulement~~ il faut que les éléments en soient pousés dans les combinaisons déjà connues, mais que tout se trouve pour ainsi dire préparé pour faire jaillir la nouvelle combinaison».

**Excerto 3.** Notes Item. Sême et sème. Verso Pg. 5

Différence [ ] at nouveau terme de sême sur celui  
de signo.  
(Pas essentiel). Signe peut être non vocal. Mais  
ussi. - Mais signe peut être = geste direct.  
hors d'un système et d'une convention.  
= signe faisant partie d'un système  
= 1. signe conventionnel.  
2. signe faisant partie d'un système  
(également conventionnel).  
3.....  
ou ainsi :  
= signe participant aux différents caractères  
des signes 1. 2. 3. ....

**Fonte:** (Bibliothèque de Genève. Ms. Fr. 3951).

Item. - Diferença [...] do novo termo sêma sobre o de signo.  
(Não essencial) Signo pode ser não vocal. Mais sêma também. -  
mas o signo pode ser - gesto direto.  
ou seja, fora de um sistema e de uma convenção.  
sêma = signo fazendo parte de um sistema  
sêma = 1. Signo convencional.  
2. signo fazendo parte de um sistema  
(igualmente convencional)  
3.....  
Podemos dizer assim:  
Sêma = signo participando de diferentes características  
que serão reconhecidas como aquelas dos <sup>signos</sup> /da língua que  
compõem  
(vocal ou outra),  
As características a marcar primeiro são: [...] <sup>78</sup>

78 Em tradução e edição nossa do original : «Item. - Différence [...] at nouveau terme de sême sur celui de signo. (Pas essentiel). Signe peut être non vocal. Mais Sême

Deteremo-nos um instante neste trecho. Ao procurar estabelecer uma distinção entre os termos signo e sema, Saussure elenca que uma das diferenças entre eles é o fato de que o signo pode ser tanto pertencente a um sistema convencional quanto um gesto e, nesse sentido, fora de um sistema. Essa possibilidade de remeter a algo assistemático instiga o linguista a procurar um termo que satisfaça a condição de se referir somente ao signo no sistema.

Não é por acaso que isso nos lembra da “absoluta inépcia da terminologia corrente” explicitada por Saussure a Antoine Meillet em uma carta datada de 4 de janeiro de 1894:

Sem cessar, a absoluta inépcia da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar para isso que espécie de objeto é a língua em geral vem estragar o meu prazer histórico, embora eu não tenha nenhum desejo mais caro do que não precisar ocupar-me da língua em geral. (tradução nossa) (SAUSSURE apud FEHR 1997:15-16, tradução nossa)<sup>79</sup>.

Essa carta, apesar de ser anterior ao manuscrito que analisamos, já evidencia a insatisfação de Saussure quanto à terminologia corrente na Linguística de sua época. Talvez seja por esse motivo que ele é levado a comparar os termos signo e sema com o intuito de delimitá-los. No excerto 3, a preferência pelo termo sema pa-

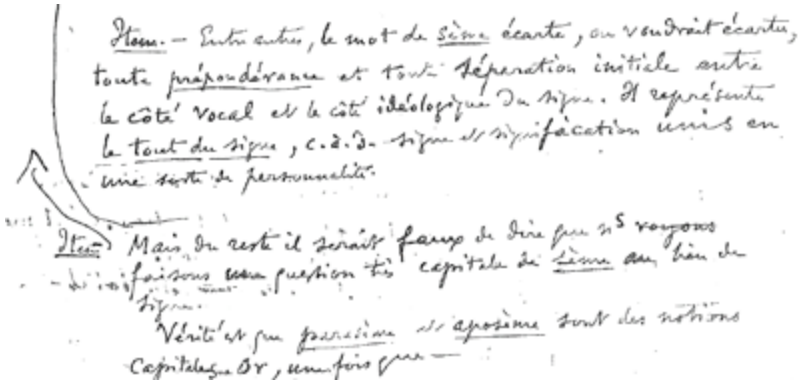
---

aussi. – Mais signe peut être = geste direct.c.à.d. hors d'un système et d'un convention. Sème = signe faisant partie d'un système Sème = 1.signe conventionnel. 2.signe faisant partie d'un système (également conventionnel). 3....On peut dire ainsi :Sème = signe participant aux différents caractères qui seront reconnus être ceux <sup>des signes/</sup>de la langue <sub>qui composent</sub> : (vocale ou autre), Les caractères à marquer dès d'abord sont :>

79 «Sans cesse l'ineptie absolue de la terminologie courant, la nécessité de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gâter mon plaisir historique, quoique je n'aie pas de plus cher vœu que de n'avoir pas à m'occuper de la langue en général.»

rece evidente: o termo signo pode designar o gesto direto e, dessa forma estaria fora de um sistema e de uma convenção, enquanto o termo sema está no interior de um sistema e é, portanto, convencional. Assim o “sema” estaria mais próximo com o que, nos cursos de 1907 à 1911, seria denominado como signo linguístico.

**Excerto 4.** Notes Item. Sôme et sème. Verso da Pg. 5.



*Item.* — Entre autres, le mot de sème écarte, ou voudrait écarter, toute prépondérance et toute séparation initiale entre le côté vocal et le côté idéologique du signe. Il représente le tout du signe, c.à.d. signe et signification unis en une sorte de personnalité.

*Item.* Mas de resto il serait faux de dire que nous voyons - de nous faisons une question très capitale de sème au lieu de signo.  
Vérité est que parasème et aposème sont des notions capitales. Or, une fois que —

**Fonte:** (Bibliothèque de Genève. Ms. Fr. 3951).

Item. Entre outras, a palavra sema afasta, ou gostaria de afastar, toda preponderância e toda separação inicial entre o lado vocal e o lado ideológico do signo. Ela representa o todo do signo, ou seja, signo e significação unidos em um tipo de personalidade.

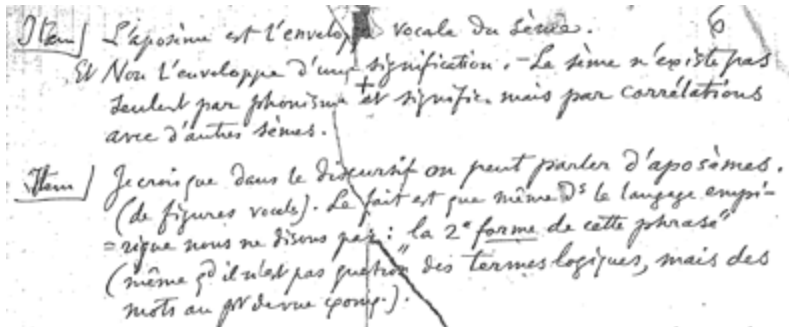
Item. Mas de resto seria falso de dizer que nós vemos fazemos uma questão capital o sema no lugar do signo.  
Verdade é que parasema e aposema são noções capitais. Ora, uma vez que [...] <sup>80</sup>

80 Em tradução e edição nossa do original: “Item. Entre autres, le mot de sème écarte, au voudrait écarter, toute prépondérance et toute séparations initiale entre le côté vocal et le côté ideologique du signe. Il représente le tout du signe, c.à.d. signe

A palavra sema parece eliminar, para Saussure, qualquer tipo de separação entre o lado vocal e o lado ideológico do signo. O objetivo seria, então, encontrar uma palavra que traduza a característica principal do signo linguístico: ser constituído por duas faces que, uma vez unidas, estabeleçam uma relação de necessidade: “uma reclama a outra”. (cf. Saussure 1973:80).

É claro que devemos ser cautelosos nesse ponto, haja vista que se trata de um manuscrito e que há, ali, uma elaboração teórica em processo, mas nos parece possível afirmar, desse conjunto indiciário que estamos a refletir, um desenvolvimento do que seria considerado como ‘significante’ e ‘significado’ nos cursos de linguística geral. Mais ainda, é também nesse trecho que Saussure fala dos termos “parasema” e “apossema”, afirmando que eles são noções capitais enquanto que, talvez, o termo sema não seja tão importante assim. O excerto 5 é dedicado ao termo apossema.

**Excerto 5.** Notes Item. Sôme et sème. Pg. 6.



**Fonte:** (Bibliothèque de Genève. Ms. Fr. 3951).

et significations unis en une sorte de personnalité. Item. Mais du reste il serait faux de dire que nous voyons faisons une question très capitale de sème au lieu de signe. Vérité est que parasème et aposème sont des notions capitales. Or, une fois que”



Item. O apossema é o envelope vocal do sema.

E não o envelope de uma significação. – O sema não existe somente por fonismo+ e significado, mas por correlações com os outros semas.

Item. **Eu creio que no discursivo podemos falar de apossemas.**

(de figuras vocais). O fato é que mesmo na linguagem empírica nós não dizemos: a “2ª forma dessa frase”

(mesmo quando não está em questão os termos lógicos, mas as palavras no ponto de vista fônico).[grifo nosso]<sup>81</sup>

No primeiro *Item.*, o apossema é o envelope do sema e não de uma significação, o que implica em considerá-lo não como constituinte do signo, mas algo que o envolve após a sua constituição. No segundo *Item.*, Saussure afirma que no âmbito do discursivo poderíamos falar de apossemas, colocando esse termo como sinônimo de “figuras vocais”.

De acordo com Mejía (1999), um apossema não poderia ser considerado como um significante, já que o primeiro possui uma natureza fônica, e o segundo, por sua vez, psíquica. O apossema situa-se, então, no âmbito da fala<sup>82</sup>, no discursivo, e não no âmbito da língua, do sistema. Isso pode ser atestado pela utilização do termo “linguagem empírica” que, nesse ponto, parece designar a linguagem utilizada pelos indivíduos, ou seja, a fala. É interessante ressaltar aqui que, como veremos adiante, o parassema é designado

---

81 Em tradução e edição nossa do original : “Item. L’aposème est l’enveloppe vocale du sème. Et non l’enveloppe d’une signification. – Le sème n’existe pas seulement par phonisme + et signification, mais par corrélations avec d’autres sèmes. Item. Je crois que dans le discursif on peut parler d’aposèmes. (de figures vocales). Le fait est que même dans le langage empirique nous ne disons pas : « la 2 forme de cette phrase » (même quand il n’est pas en question des termes logiques, mais des mots au point de vue phonique)».

82 Não queremos afirmar com isso que a fala se restrinja aos sons da palavra somente, mas sim que, como na língua, não há substância sonora, somente na fala é que o apossema – que tem natureza fônica – pode ser concebido.

por Saussure como uma palavra que faz parte de um sistema e se relaciona com as outras palavras.

No Excerto 6, a seguir, Saussure trata do fenômeno da onímica, o qual denomina como “o caso mais grosseiro da semiologia”, expressão que compõe o título deste livro. Esse fenômeno, para o linguista, ocorreria quando há um terceiro elemento na constituição do signo. Esse Excerto é interessante porque ele estabelece uma relação entre a distinção estabelecida entre sema e signo e as considerações sobre os nomes próprios e geográficos contidas nas próximas páginas. Assim, será necessário que nos detenhamos um pouco mais em sua análise:

**Excerto 6.** Notes Item. Sôme et sème. Pg. 7.

*Signe  
apostrophe*

*Comme  
Adam  
dormant  
sur*

Des qu'il y a est position. Quel  
point de la langue, ou voit arriver  
le mot et le sens, (ou le type et  
le sème) comme si c'était ce qui résume  
tout, mais en outre toujours des  
exemples de mot comme arbre, pietre,  
Vache sich, c'est-à-dire ce qu'il y a de plus  
grosier dans la semiologie: le cas  
où elle est (par le hasard des objets  
ou des signes) une simple onymique,  
C'est-à-dire, car c'est la particula-  
rité de l'onymique dans l'ensemble  
de la semiologie, le cas où il y a  
un troisième élément incontestable  
dans l'association psychologique  
du sème, la conscience qu'il s'applique  
à un être extérieur ~~qui devient~~  
~~assez défini en lui-même pour~~  
échapper à la loi fon-  
damentale du type.

**Fonte:** (Bibliothèque de Genève. Ms. Fr. 3951).

Signo apossema † Item. Quando se está y em questão alguma parte da língua nós vemos aparecer a palavra e o sentido, (ou o signo e o sentido) como se isso resumisse tudo mas, além disso, exemplos de palavras como árvore, pedra, vaca, eéu como Adão dando os [...], ou seja, o que há de mais grosseiro na semiologia: **o caso em que ela é (pelo acaso dos objetos que se escolhe para serem designados), uma simples onímica**, ou seja, pois essa é a particularidade da onímica no conjunto da semiologia, **o caso em que há um terceiro elemento incontestável na associação psicológica do sema**, a **consciência** de que ele se aplica a um ser exterior **que se torna** bastante definido em si mesmo para ~~XXXX~~ **escapar** à lei geral do signo.<sup>83</sup> [grifos nossos].

Em primeiro lugar, temos que o título do *Item* é “Signo e apossema”. Como analisamos nos Excertos 2 e 3, Saussure demonstrava preocupação<sup>84</sup> com o termo “signo”, tendo em vista que ele poderia

83 Em tradução e edição nossa do original: “Item. Signe aposème Des qu'il y est question quelque part de la langue, on voit arriver le mot et le sens (ou le signe et le sens) comme si c'était ce que resume tout, mais en outre toujours des exemples de mot comme arbre, pierre, ciel, vache, comme Adam donnent des [...] c'est-a-dire qu'il y a de plus grossier dans la sémiologie : le cas où elle est (par hasard des objets qu'on choisit pour être désignés) une simple onymique, c'est-a-dire, car là est la particularité de l'onymique dans l'ensemble de la sémiologie, le cas où il y a un troisième élément incontestable dans l'association psychologique du sème, la conscience qu'il s'applique à un être extérieur qui deviant assez défini en lui-même pour XXXX échapper à loi générale du signe».

84 No terceiro curso de linguística geral, especificamente na aula do dia 19 de maio de 1911, Saussure afirma que: “<N'importe quel terme on choisira (signe, terme, mot, etc. glissera à cote et será em danger de NE designer qu'une partie).>” (Saussure apud Komatsu 1993:93). Essa citação nos mostra que a preocupação com o problema

designar um “gesto direto” e, portanto, o genebrino preferia utilizar o termo “sema” a “signo” para designar o total resultante da associação entre a figura vocal e o lado ideológico do signo. Além disso, percebemos que o termo “apossema” designa o invólucro vocal do sema e estaria situado no âmbito da fala. Ora, a escolha pelo título desse item não parecer ter sido ao acaso, se levarmos em consideração que, quando Saussure afirma que a onímica consiste no caso em que “há um terceiro elemento incontestável na associação psicológica do sema, a consciência de que se aplica a um ser exterior [...]”, ele se refere à consciência do falante. Nesse caso, a onímica seria um fenômeno que ocorre no âmbito da fala, o que é pertinente se considerarmos que o apossema é o invólucro vocal do sema.

Há, ademais, a afirmação de que, quando existe a consciência de que uma determinada palavra se aplica a um ser exterior, ela escaparia à lei geral do signo. Qual seria essa lei geral? Para Fehr (2000:128), a lei geral do signo consistiria no fato de que ele pode ser transmitido através do tempo. De acordo com ele, as críticas saussurianas direcionadas aos filósofos baseiam-se principalmente no fato de que eles,

(...) não consideram o papel desempenhado pelo processo de transmissão das línguas na constituição do signo. Ora, para Saussure, é precisamente a “transmissão que nos ensina, experimentalmente, isso que vale o signo”.<sup>85</sup>

---

terminológico em torno da palavra “signo” perdurou durante muitos anos nas considerações de Saussure.

85 Em tradução nossa do original “(...) ne prennent pas en compte le rôle joué par le processus de transmission des langues dans la constitution du signe. Or, pour Saussure, c’est précisément la «transmission qui seule nous enseigne, expérimentalement, ce que vaut le signe.»

De fato, se analisarmos as teorias de J. S. Mill e G. Frege, não perceberemos uma menção ao processo de transmissão do signo. Entretanto, afirmar que os nomes próprios escapam à lei de transmissão dos signos não nos parece pertinente, a partir do momento em que consideramos, por exemplo, os estudos desenvolvidos por Saussure no campo da dialetologia, citados no tópico anterior. Nesses estudos, Saussure afirma que alguns nomes próprios sofrem deformações, porque foram utilizados através do tempo, ou seja, foram transmitidos.

Em contrapartida, Engler (1962:58) afirma que a lei geral do signo seria o arbitrário: “vemos que para ele [Saussure] só os nomes próprios e os nomes geográficos escapam ao arbitrário”.<sup>86</sup> Nesse sentido, a natureza do signo linguístico é arbitrária e é ela que fundamenta teoricamente todo o sistema saussuriano.

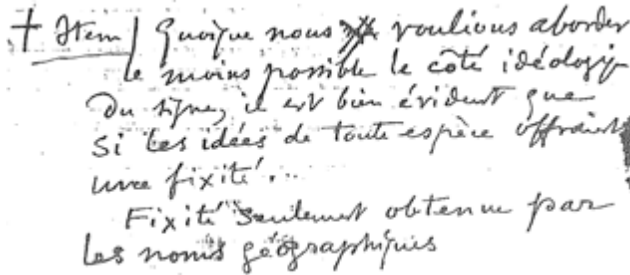
Mas a questão que deve ser colocada é: qual a consequência de um signo da língua escapar ao arbitrário linguístico? Porque, se como vimos neste capítulo, o arbitrário fundamenta as relações de valor estabelecidas entre os termos e os nomes próprios são palavras isoladas que “escapam ao arbitrário”, então essa categoria não adquiriria valor por meio do sistema. Seria isso um indício de que Saussure exclui os nomes próprios da língua? É necessário continuarmos com a análise do manuscrito com o objetivo de buscar respostas a essa questão.

Após o Excerto em que Saussure afirma que a onímica escapa a lei geral do signo, ele insere os nomes geográficos. A inserção dessa categoria linguística logo após a explicitação do fenômeno da onímica implica em considerar que os nomes geográficos fazem parte do “caso mais grosseiro da semiologia”.

---

86 Em tradução nossa do original «on voit en fin de compte, qu'il n'ya plus pour lui [Saussure] que les noms propres et les noms géographiques qui échappent à l'arbitraire».

**Excerto 7.** Notes Item. Sôme et sème. Pg. 7.



+ Item | Quoique nous ne voulions aborder  
le moins possible le côté idéologique  
du signe, il est bien évident que  
si les idées de toute espèce offraient  
une fixité [...]  
Fixité seulement obtenue par  
les noms géographiques

**Fonte:** (Bibliothèque de Genève. Ms. Fr. 3951).

Item. Embora nós não-queiramos abordar  
o menos possível o lado ideológico  
do signo, é bem evidente que  
se as ideias de toda espécie oferecessem  
uma fixidez [...] fixidez obtida  
somente pelos nomes geográficos<sup>87</sup>

Nesse trecho, Saussure afirma que quer abordar o menos possível o lado ideológico do signo. Qual seria esse lado ideológico? O fato de que alguns signos possuem em sua constituição a consciência de que eles designam um objeto específico? É possível que sim, ainda mais se considerarmos que ele afirma logo depois que “se as ideias de toda espécie oferecessem uma fixidez [...] fixidez obtida somente pelos nomes geográficos.” Então, ao que nos parece, há casos em que as ideias – consideradas aqui como partes constitutivas

---

87 Em tradução e edição nossa do original: “Item. Quoique nous ne voulions aborder le moins possible le côté idéologique du signe, il est bien évident que si les idées de toute espèce offraient une fixité [ ] Fixité seulement obtenue par les noms géographiques».

dos signos – oferecem certa fixidez. Ora, partindo do ponto de vista de que o signo é livre, porque é arbitrário, então a existência dessa fixidez na ideia fere, de certa maneira, o princípio da arbitrariedade.

Entretanto, é óbvio que se todas as ideias oferecessem essa fixidez, uma teoria da língua enquanto sistema não seria possível, uma vez que os elementos teriam em sua constituição algo positivo ou negativo, dado de antemão.

Já no próximo Excerto, Saussure acrescenta os nomes próprios juntamente com a noção de nomes geográficos:

**Excerto 8.** Notes Item. Sôme et sème. Verso da Pg. 7

L'idée invariable et inflectuelle  
pouvant être considérée comme chose  
chimérique, les sèmes géographiques  
font exception en ce que...  
— Plus exactement:  
La seule chance p<sup>r</sup> un

Des les  
noms  
propres

**Fonte:** (Bibliothèque de Genève. Ms. Fr. 3951).

Item. A ideia **invariável** e **influtuável**

**poderia** ser considerada como coisa

quimérica, os semas geográficos

e os nomes próprios fazem exceção nesse ... [...]

- Mais exatamente :

A única chance para um [...] <sup>88</sup> [grifos nossos]

No Excerto 8, Saussure afirma que a ideia invariável e influtuável poderia ser considerada uma coisa quimérica. Considerando-se a utilização dessas palavras, somos levados a observar que existe, então, uma ideia que é invariável e influtuável e, dessa forma, ela não é uma coisa quimérica.

Logo após, Saussure cita os semas geográficos e os nomes próprios. Essa afirmação, repleta de pausas abruptas, faz-nos considerar, de maneira indiciária, que a ideia influtuável e invariável *poderia* ser considerada como coisa quimérica, mas não o é porque os semas geográficos e os nomes próprios são exceções à variação e à flutuação das ideias.

Nesse sentido, o que está em questão, na constituição dos nomes próprios, é que a sua ideia possui uma natureza distinta das ideias que constituem os outros signos. Enquanto que os demais signos do sistema são constituídos pela união entre ideia e imagem acústica, sendo que uma reclama a outra e a relação estabelecida entre elas é arbitrária, no caso dos nomes próprios essa ideia parece possuir uma capacidade de fixidez.

No próximo Excerto, Saussure parece tentar jogar luz à questão dos nomes próprios:

---

88 Em tradução e edição nossa do original : «L'idée invariable et influctuable pouvant être considérée comme chose chimérique, les sèmes géographiques et les noms propres font exception en ce que ... [ ] Plus exactement : [ ] La seule chance pourun [ ]».



## Excerto 9. Notes Item. Sôme et sème. Verso da Pg. 7

[ L'idée de tt cela est la question de savoir si de même qu'un apositime persiste hors du sème, de même un apositime intellectuel pourrait par part être constaté. Certain que dans "Rhône" il y a p. a. un ou 2 apositimes courant parallèlement. Mais au fond rien de semblable possible puisque si on avait changé le nom de Rhône, il n'y aurait plus le même sème, et de lors inutile de discuter des apositimes, et ainsi meilleure preuve que le sème a sa base fondamentale dans le type matériel cherhi.

Fonte: (Bibliothèque de Genève. Ms. Fr. 3951).

[A ideia de tudo isso é a questão de saber se mesmo que um apossema persista fora do sema, um **apossema intelectual** poderia ser constatado em qualquer parte. Certamente que em “Rhône” há, por assim dizer 2 apossemas correndo paralelamente. Mas no fundo, nada semelhante a isso seria possível porque, se o nome de Rhône fosse mudado, não haveria mais o mesmo sema, e então seria inútil discutir os apossemas, a melhor prova de que o sema tem a sua base fundamental no signo material escolhido.<sup>89</sup> [grifo nosso]

Nesse trecho, Saussure acrescenta a expressão “apossema intelectual”. Sabemos que o apossema é o invólucro vocal do sema e está contido no âmbito da fala. Por “apossema intelectual”, Saussure sugere designar algo relacionado com o lado ideológico do signo, ou seja, com a ideia. Seria uma ideia que estaria localizada fora do signo? Como isso poderia acontecer? Na sequência, Saussure afirma que em Rhône “há por assim dizer 2 apossemas correndo paralelamente.” Isso parece ensejar que é possível constatar um apossema intelectual e um apossema vocal no exterior do signo ou, ainda, que haveria dois apossemas (invólucro vocal) correndo paralelamente.

Nesse sentido, Saussure afirma que se o nome Rhône sofresse transformações, não haveria mais o mesmo sema. A nosso ver,

---

89 Em tradução e edição nossa do original : «[L'idée dans toute cela est la question de savoir si de même qu'un aposème persiste hors du sème, de même un aposème intellectuel pourrait quelque part être constaté. Certain que dans « Rhône » il y a pour ainsi dire 2 aposèmes courant parallèlement. Mais au fond rien de semblable possible puisque si on avait changé le nom de Rhône, il n'y aurait plus le même sème, et dès lors inutile de discuter des aposèmes, et ainsi meilleur preuve que le sème a la base fondamentale dans le signe matériel choisi».

nesse Excerto, Saussure tenta elucidar suas afirmações anteriores sobre os nomes próprios, quais sejam, a ideia influuável e invariável etc. Mas, analisando criticamente, ele não consegue esclarecer essas questões: há um esforço de delimitação dos termos – em virtude da inépcia da terminologia corrente –, mas há também a constatação de algo que escapa à teorização, que, ao mesmo tempo em que toca no sistema da língua e em seu funcionamento, toca também no discurso e nos objetos físicos, o que abre a possibilidade de o significado/ideia ser dado de antemão no caso particular dos nomes próprios. Sobre isso Engler (1962:60) coloca a seguinte questão:

Mas qual a consequência, se o significado fosse determinado de antemão? O arbitrário da ligação seria reduzido a um arbitrário do significante, como no exemplo *Rhône*, onde Saussure percebe uma mudança no nome. A argumentação lembra aquela que serve para refutar a necessidade da ligação na onomatopéia: malgrado as características de expressividade fônica, o signo material na onomatopéia, não tem nenhuma fixidez. Sempre, há o deslocamento na relação entre significante e significado.<sup>90</sup>

Como podemos observar, caso as ideias fossem dadas de antemão, o arbitrário seria reduzido a um arbitrário do significante, isto é, a relação entre o significante e o objeto seria arbitrária, todavia, mesmo assim, o nome ainda estaria sujeito a modificações, porque pode ser transmitido de geração a geração. A questão é, na verdade, da mesma forma que as onomatopéias, os nomes próprios

---

90 Em tradução nossa do original : «Mais qu'advierait-il, si le signifié était déterminé d'avance? L'arbitraire du lien serait réduit à un arbitraire du signifiant, comme dans l'exemple Rhône, où S'tient compte d'un changement du nom. L'argumentation rappelle celle qui sert à réfuter la nécessité du lien dans l'onomatopée: malgré les caractères d'expressivité phonique, le signe matériel, dans l'onomatopée, n'a aucune fixité. Toujours, il y a le déplacement du signifiant par rapport au signifié et vice-versa.»

e geográficos constituem-se enquanto uma exceção, porém, ainda assim, não oferecem prejuízo a uma teoria dos signos, pois sempre haverá o deslocamento na relação entre significante e significado.

Levando em consideração os Excertos citados e as considerações saussurianas sobre os nomes próprios e geográficos, podemos afirmar que Saussure percebe as especificidades dessa categoria linguística e a sua relação com a arbitrariedade e a fala – principalmente ao considerar o conceito de apossema.

Agora, considerando que já passamos pelo CLG, pelas comunicações que versavam sobre os topônimos e pelo manuscrito *Notes Item. Sôme et sème*, achamos pertinente direcionar a atenção aos manuscritos sobre as lendas germânicas, que agregam os estudos desenvolvidos por Saussure praticamente no mesmo período dos documentos que analisamos.

### **3.3. OS MANUSCRITOS SOBRE AS LENDAS GERMÂNICAS E O VALOR DO NOME PRÓPRIO**

Segundo Starobinski (1974), os estudos saussurianos sobre os *Nibelungen* estão compreendidos em cerca de dezoito cadernos – além de várias folhas avulsas –, catalogados sob os números Ms. Fr. 3958 e Ms. Fr. 3959. Nosso interesse na pesquisa saussuriana sobre as lendas germânicas justifica-se pelo fato de que esse material possui várias considerações sobre os nomes próprios. Além disso, esse estudo foi realizado concomitantemente às comunicações proferidas à Société d'Histoire et Archéologie de Genève, ao manuscrito *Notes Item. Sôme et sème* e aos dois primeiros cursos de linguística geral (1907-1910), tendo em vista que o interesse de Saussure sobre as Lendas Germânicas inicia-se em 1903 e se prolonga até 1910.

É válido ressaltar que serão analisados nesse tópico trechos de vários manuscritos saussurianos sobre as lendas germânicas. O único manuscrito que temos em mãos é o Ms. Fr. 3958/4<sup>91</sup>, intitulado *Nibelungen*, e que será transcrito seguindo os critérios expostos no tópico anterior. Os demais manuscritos utilizados nesse tópico foram retirados da seleção/transcrição realizada por Turpin (2003) e seguem os critérios utilizados por ela.

No que diz respeito aos objetivos de Saussure com o seu estudo sobre as lendas germânicas, é possível inferir que ele pretendia encontrar a prova de que os personagens e acontecimentos lendários possuíam uma origem em personagens e acontecimentos históricos. De fato, se retomarmos o conteúdo da comunicação proferida em 15 de dezembro de 1904, intitulada “Les Burgondes et la langue burgonde em pays romance”, na qual Saussure cita os *Nibelungen*, percebemos que ele já efetuava um estudo comparando os dados históricos com os dados presentes nos *Nibelungen*. (cf. Saussure 1921:606).

Antes de apresentarmos o conteúdo das lendas e as considerações saussurianas presentes nesse material, é importante explicitar que, no que concerne a esse material, houve um debate importante na década de 1970. Essa discussão versava principalmente sobre o estatuto da pesquisa sobre as lendas em relação ao CLG. Entre os estudiosos que participaram desse debate, consideramos como principais Avalle (1973) e Engler (1974-75), mas igualmente Prosdociami (1983), Arrivé (1986), Sungdo Kim (1995) e Turpin (2003) se detiveram nessa questão.

Como este livro aborda tanto documentos no domínio da linguística – o CLG, as comunicações à Société d’Histoire et Archéo-

---

91 Manuscrito adquirido pela autora na Bibliothèque de Genève, em outubro de 2012, pertencente ao arquivo Ms. Fr. 3958/4, com 240 páginas.

logie de Génève e o manuscrito *Notes Item. Sôme et sème* – quanto documentos no domínio da mitografia – manuscritos sobre as lendas –, é imperativo que nos posicionemos a respeito do estatuto desse material. Para tal, retomaremos brevemente as considerações de Avalle (1973) e de Engler (1974-75), tendo em vista que eles se posicionam de maneira oposta em relação a essa questão.

No artigo *La sémiologie de la narrativité chez Saussure* (1973), Avalle faz a transcrição de alguns trechos dos manuscritos sobre as lendas germânicas, com o objetivo de comparar o conteúdo desses manuscritos com o CLG.

A partir dessa comparação, ele questiona a noção de Semiologia enquanto ciência geral e unitária – que abarcaria tanto a língua, quanto a lenda. Para ele, as analogias entre a língua e a lenda, realizadas por Saussure, não seriam convincentes, mas sim seria mais “[...] fruto de uma extrapolação das propriedades da língua à lenda, do que uma análise visando fundar as bases de uma ciência unitária.” (Avalle 1973:44).<sup>92</sup>

E aqui cabe um adendo, como veremos no decorrer deste tópico, encontra-se com certa frequência nos manuscritos saussurianos sobre as lendas germânicas comparações entre a língua – tal concebida no CLG – e a lenda, considerando esta última como um sistema semiológico. É curioso pensar que, apesar dessa ocorrência na mitografia, o mesmo não se dá no CLG: não há menção a qualquer lenda ou narrativa histórica na edição.

Considerando esses aspectos, Avalle (1973) parece defender que essa extrapolação das características semiológicas da língua à lenda indicam a inexistência de equidade no funcionamento desses dois sistemas. Entre as consequências desse posicionamento, a

---

92 Em tradução nossa do original «*L'impression qu'on tire est qu'elles sont le fruit bien plus d'une extrapolation des propriétés de la "langue" à la legend, que d'une analyse visant à jeter les bases d'une science unitaire.*»

principal é a desassociação dessas duas pesquisas – a linguística e a lendária – e a atribuição de uma hierarquia entre elas – como se somente a linguística fosse, de fato, científica. Além disso, essa posição pressupõe a existência de divisões nas elaborações saussurianas, entre as quais a mais famosa é aquela publicizada no colóquio *Les Deux Saussures*, ocorrido em 12 e 13 de abril de 1974<sup>93</sup>, entre um Saussure diurno e um Saussure noturno.

No caso de Avalor (1973), essa cisão do pensamento do linguista implica quatro subdivisões: um Saussure comparatista; um Saussure da Edição; um Saussure das lendas; e um Saussure dos anagramas. Ressalta-se que nossa perspectiva é totalmente oposta a essa e se aproxima, muito mais, daquilo que defendeu Engler (1974-75) em seu artigo *Sémiologies saussuriennes*: 1. De l'existence du signe. Nesse artigo, além de acusar Avalor (1973) de ser tendencioso em sua interpretação, selecionando excertos dos manuscritos sem método e descontextualizados, afirma que a edição realizada pelo crítico italiano foi realizada de maneira que fosse possível comprovar a sua tese da não-relação entre a língua e a lenda e, ainda, da negação da existência do signo, tal como ele é concebido no CLG.

No que concerne às similaridades entre esses dois sistemas semiológicos, Engler afirma que

Não há extrapolação, mas antes o encontro sob um ponto preciso de plano semiológico entre as duas pesquisas e a teoria do signo lendário é seguida de análises filológicas de detalhes factuais, essa é a nossa primeira conclusão. (Engler 1974/1975:61).<sup>94</sup>

---

93 Os trabalhos apresentados foram publicados, posteriormente, na Revista *Recherches* 16, 1974.

94 Em tradução nossa do original *Il n'y a pas extrapolation, mais bien plutôt rencontre sur un point précis du plan sémiologique entre les deux recherches, et la théorie du signe légendifère découle d'analyses philologiques de détails factuels, telle est notre première conclusion.*

O que o autor defende é a homogeneidade da teoria saussuriana, mesmo que ela se fundamente em mais de um tipo de análise. Assim, para analisar a lenda, deve-se considerar, como meio de análise, a língua. Isso está em conformidade com o que é explicitado no CLG, tendo em vista que Saussure afirma que a língua é o principal dos sistemas semiológicos e serve como modelo para se investigar os demais.

Considerando, então, a própria definição de semiologia presente no CLG e o fato de que essa ciência abarca sistemas de diferentes ordens, mas que seguem os mesmos princípios de funcionamento – em maior ou menor grau –, compreende-se que a pesquisa sobre as lendas germânicas possibilita a constituição de uma reflexão semiológica que pode, em certo sentido, iluminar aspectos do funcionamento da língua, como, por exemplo, o nome próprio. Além disso, é válido afirmar que esse estudo é uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que se aproxima do CLG, também se aproxima dos estudos indo-europeus do século XIX:

a mitologia saussuriana é epistemologicamente falando próxima do CLG, por outro lado, a mitologia era um domínio bastante comum do indo-europeísta do século XIX como era o caso de Saussure. (Sungdo Kim 1993: 17).<sup>95</sup>

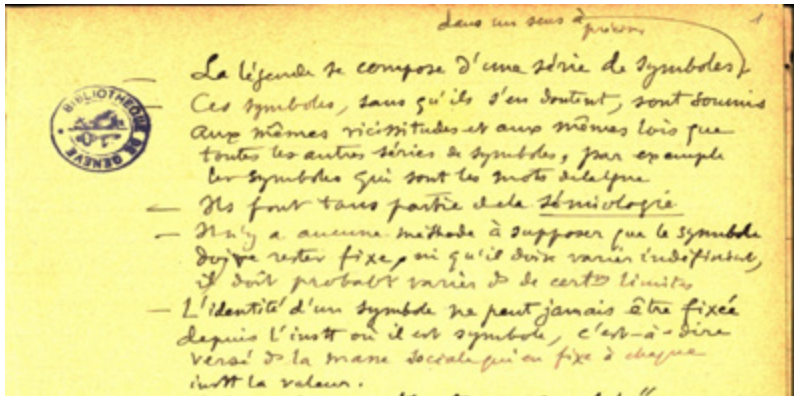
É pertinente, então, pensar a relação entre a língua e a lenda nos manuscritos saussurianos sobre as lendas germânicas para, posteriormente, nos determos nos nomes próprios. Iniciamos a nossa análise com a primeira página do caderno intitulado *Nibelungen*:

---

95 Em tradução nossa do original «(...) la mythologie saussurienne est épistémologiquement parlant proche du CLG, d'autre part, la mythologie était un domaine tout à fait habituel de l'indo-européaniste du 19<sup>siècle</sup> comme c'est le cas de Saussure.»



**Excerto1.** Lendas Germânicas Ms. Fr. 3958/4.Pg. 1.



**Fonte:** (Bibliothèque de Genève. Ms. Fr. 3958).

- A lenda é composta de uma série de símbolos em um sentido a definir
- esses símbolos, sem que se duvide, estão submetidos às mesmas vicissitudes e às mesmas leis que todas as outras séries de símbolos, por exemplo, os símbolos que são as palavras da língua
- Todos eles fazem parte da semiologia
- Não há nenhum método para supor que o símbolo deve permanecer fixo, nem que ele deve variar indefinidamente, ele deve provavelmente variar em certos limites
- a identidade de um símbolo não pode jamais ser fixada depois do instante em que ele é símbolo, ou seja, inserido na massa social que lhe fixa a cada instante o valor.<sup>96</sup>

96 Em tradução e edição nossa do original: "La légende se compose d'une série de symboles dans un sens à préciser

- Ces symboles, sans qu'il s'en doutent, sont soumis aux mêmes vicissitudes et aux mêmes lois que toutes les autres séries de symboles, par exemple les symboles qui sont les mots de la langue

- Ils font tous partie de la sémiologie

A primeira afirmação que deve ser ressaltada nesse Excerto é de que “a lenda se compõe de uma série de símbolos em um sentido a definir”. Se retomamos o conteúdo do CLG, temos aqui uma primeira aproximação: o termo “símbolo” é utilizado como sendo um elemento constituído por uma relação motivada e não arbitrária.

Se o signo linguístico é arbitrário, o símbolo possui um vínculo natural de associação com aquilo que representa. Entretanto, se continuamos a leitura do excerto, deparamo-nos com a afirmação de que esses símbolos estão submetidos “às mesmas leis e vicissitudes que todas as outras séries de símbolos, por exemplo, os símbolos que são as palavras da língua”.

Malgrada a oscilação terminológica, temos que o símbolo da lenda, na verdade, não é motivado, mas sim arbitrário. E isso porque para estar submetido às mesmas leis que regem as palavras da língua, ou seja, a arbitrariedade se faz como condição *sine qua non*. Dessa forma, os símbolos da lenda também fazem parte da Semiologia.

Logo após, Saussure afirma que não há como supor que os símbolos possam permanecer fixos, pois eles, provavelmente, devem variar em certos limites. Isso corrobora a afirmação de que os signos estão submetidos às mesmas leis e vicissitudes e, conseqüentemente, são mutáveis e imutáveis ao mesmo tempo.

Falar em mutabilidade e imutabilidade do símbolo equivale a falar que ele é utilizado pela massa falante e está inserido no tempo e, por isso mesmo, que não há a possibilidade de se estabelecer uma identidade entre os personagens a partir do momento em que há circulação social.

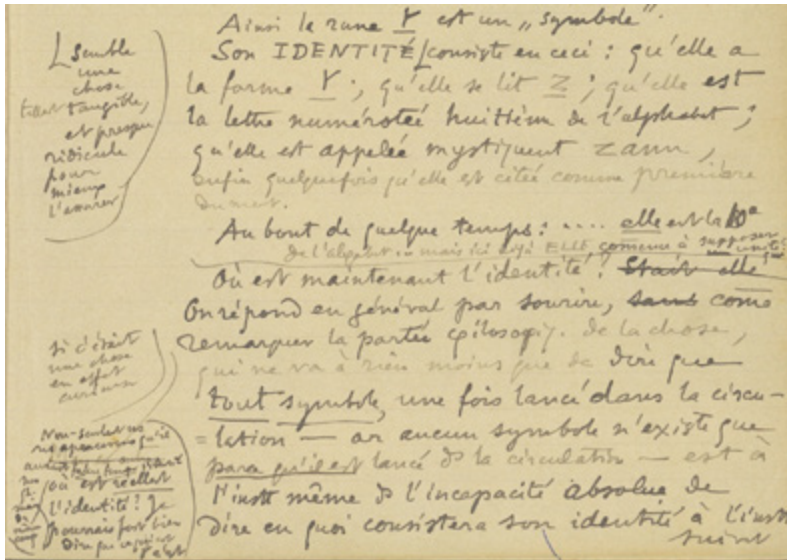
---

- Il n'y a aucune méthode à supposer que le symbole doive rester fixe, ni qu'il doive varier indéfiniment, il doit probablement varier dans de certaines limites

- l'identité d'un symbole ne peut jamais être fixée depuis l'instant où il est symbole, c'est-à-dire versé dans la masse sociale qui en fixe à chaque instant la valeur».

Na continuação desse Excerto, Saussure afirma que

**Excerto 2. Lendas Germânicas Ms. Fr. 3958/4.Pg. 1.**



**Fonte:** (Bibliothèque de Genève. Ms. Fr. 3958).

Assim a runa Y é um « símbolo ».

Sua identidade parece uma coisa tão tangível e quase ridícula, para melhor assegurar

consiste nisso : que ela tem

a forma Y ; que ela se lê Z ; que ela é

a oitava letra do alfabeto ;

que ela é misticamente chamada de zann,

enfim que algumas vezes é citada como a primeira da palavra.

Depois de algum tempo : .... ela é a 10<sup>a</sup>

do alfabeto ... mas ela começa a supor uma unidade que [ ] Onde

está agora a identidade ? Estaria ela

Respondemos, em geral, com um sorriso, como se isso fosse na verdade uma coisa curiosa

Não somente nós nos percebemos que falhamos em fundar a identidade sob qualquer coisa,

mas ao mesmo tempo onde está realmente a identidade? eu poderia fortemente dizer que isso que é <coisa bem incalculável> que seria em vão se nós experimentássemos querer fundá-la sob o que quer que seja, - mesmo sob uma combinação de características.

**Sem** observar o lado filosófico da coisa, que não vai dizer nada mais que todo símbolo, uma vez lançado em circulação - ora, um símbolo só existe porque é lançado em circulação - está no mesmo instante na incapacidade absoluta de dizer em que consistirá a sua identidade no instante seguinte.<sup>97</sup>

No trecho acima, a identidade é negada com maior veemência. A explicação sobre o porquê de ser impossível fundar a identidade é mais elaborada aqui do que no fragmento anterior. Para Prosdociimi (1983:68), a questão da unidade e identidade é um ponto central na teorização saussuriana, não só no que diz respeito às lendas, mas também em suas considerações sobre a língua. É justamente essa negação da identidade que diferencia Saussure dos indo-europeístas que estudavam as lendas. Além disso, de acordo com Turpin (2003:309), eram várias as teses que se fundamentavam na concep-

---

97 Em tradução e edição nossa do original : “Ainsi la rune Y est un « symbole ». Son IDENTITÉ semble une chose tellement tangible, et presque ridicule pour mieux l'assurer consiste en ceci : qu'elle a la forme Y ; qu'elle se lit Z ; qu'elle est la lettre numérotée huitième de l'alphabet ; qu'elle est appelée mystiquement zann, enfin quelquefois qu'elle est citée comme première du mot. Au bout de quelque temps ... elle est la dixième de l'alphabet ... mais ELLE commence a supposer une unité qui [ ] Où est maintenant l'identité? On répond en general par sourire, comme si c'était une chose em effet curieuse

Non seulement, nous nous apercevons qu'il aurait fallu fondé l'identité sur quelque chose, mais du même coup où est réellement l'identité ? Je pourrait fort bien dire que ce qui est c'est <chose bien plus incalculable> qu'il aurait été vain si nous l'avions essayé de vouloir la fonder sur quoi que ce soit, - même sur une combinaison de caractères Sans remarquer la portée philosophique de la chose, qui ne va à rien moins que de dire que tout symbole, une fois lancé dans la circulation - or aucun symbole n'existe que parce qu'il est lancé dans la circulation - est à l'instant même dans l'incapacité absolue de dire en quoi consistera son identité à l'instant suivant».

ção de identidade entre um determinado personagem da lenda e um personagem da história:

Na época de Saussure, quando as lendas eram interpretadas a partir da história, ou daquilo que era conhecido, isso se fazia sem jamais interrogar a propósito das noções de unidade ou identidade sobre as quais repousa a comparação. Assim, a maior parte das pesquisas partia do nome do personagem da lenda para lhe relacionar a um personagem da história, sem interrogar essa noção de personagem quando entra em uma narração. Saussure, ao contrário, mostra que entre a história e a lenda tem lugar várias séries de transformações que estão ligadas ao tempo e à socialização, e que nessas transformações a unidade não é dada jamais.<sup>98</sup>

Assim, para pensar a relação entre a história e a lenda, era necessário que os estudiosos se detivessem nos nomes dos personagens, com o intuito de relacioná-los com os personagens históricos. A partir do momento em que a problematização da identidade é colocada para Saussure, não há mais a possibilidade de se estabelecer essa relação, uma vez que há uma série de transformações sofridas pelos símbolos da lenda quando estão inseridos em uma narrativa.

Em decorrência dessa constatação, seria esperado que os nomes próprios possuísem um tratamento distinto daquele destinado por Saussure no CLG, no *Notes Item. Sôme et sème* e em seus estudos sobre a toponímia genebrina. Quanto a esse último estudo, Turpin (2003:308) afirma que ele se relaciona com o estudos sobre as lendas:

---

98 Em tradução nossa do original “À l’époque de Saussure, quand les légendes sont interprétées à partir de l’histoire, ou de ce qu’on en connaît, ceci se fait sans que jamais s’interroge à propos de la notions d’unité ou d’identité sur laquelle repose la comparaison. Ainsi la plupart de ces recherches partent du nom d’un personnage de la légende pour le rattacher à un personnage de l’histoire, sans interroger cette notion de personnage quand celui-ci entre dans une narration. Saussure, par contre, montre qu’entre l’histoire et la légende ont lieu diverses séries de transformations qui sont liées à l’épreuve du temps et de la socialisation, et que dans ces transformations l’unité n’est jamais donnée.»

Embora em seu estudo sobre os topônimos, Saussure, com resultados pertinentes, tentava relacionar as denominações de lugares aos fatos históricos a partir do estudo dos nomes próprios e de sua evolução, comparando os índices da história aos índices linguísticos, nos estudos de lendas, ele foi confrontado com uma maior complexidade, sem dúvida porque ele não precisa mais aqui se haver com um grupo especial de nomes de lugares (...)<sup>99</sup>.

Dessa forma, ao se deparar com os nomes próprios nas lendas germânicas, Saussure se viu confrontado com um tipo de nome próprio distinto daquele que fora percebido em seus estudos sobre os topônimos da região genebrina. A relação entre as palavras e as coisas ou ainda, a propriedade de fixidez dos nomes próprios não encontra correspondentes na lenda: “Esse modelo de referência não tem prolongamento na lenda. E isso porque o linguista encontra o insondável da língua – e a mesma vertigem diante da pluralidade das associações possíveis.” (Turpin 2003:309)<sup>100</sup>.

Assim, mesmo que o objetivo inicial de Saussure fosse comparar as diferentes versões das lendas com o intuito de verificar as suas relações com dados históricos, ele se deparou com uma complexidade que não era esperada: apesar de as lendas possuírem uma origem histórica, elas são contadas e recontadas durante séculos e, dessa maneira, sofrem transformações que afetam, até mesmo, os nomes dos personagens.

---

99 Em tradução nossa do original “*Alors que dans ses études sur les toponymes, Saussure, avec pertinence et resultats, avait tenté de rattacher des dénominations de lieux à des faits historiques à partir de l'étude des noms propres et de leur évolution, confrontant les indices de l'histoire à des indices linguistiques, dans les études sur les légendes, il se trouvait confronté à davantage de complexité, sans doute parce qu'il n'a plus à faire ici au groupe particulière des noms de lieux (...).*»

100 Em tradução nossa do original «*Ce modèle de référencement n'a plus cours dans la légende. C'est pourquoi le linguiste y retrouve l'insondable de la langue – et le même vertige devant la pluralité des associations possibles.*»

No arquivo Ms. Fr. 3958/7, em um manuscrito intitulado “Methodica”, Saussure afirma que:

3.Importância subordinada dos nomes próprios.

Desenvolvimento de 3:

Caso de transposição do nome do pai ou avô ao filho, ou de redução de dois personagens a um, ou de redução parcial de [ ]

Caso de desdobramento de um personagem.

Caso de desfiguração e de etimologia.

Uso germânico de compostos.

Aqui nota sobre os elementos constitutivos de um ser lendário. O nome não tem nem mais nem menos importância que qualquer outro lado. **Ele não é como com um indivíduo vivo uma etiqueta sob a pessoa, mas está no mesmo patamar que as outras coisas**, e desse ponto de vista muito importante; somente isso que compensa, é que tanto quanto as outras características do indivíduo são inseparáveis dele, e permanecem como a base firme de sua identidade mesmo se ele muda de nome, toda característica do ser lendário pode se dissipar ao primeiro sopro com tanta facilidade quando o nome. (SAUSSURE apud TURPIN 2003:391, tradução e grifo nossos).<sup>101</sup>

O que Saussure explicita é que os nomes não permanecem estáticos a partir do momento em que estão inseridos em uma narrativa. Eles podem ser trocados, substituídos e desdobrados. E isso acontece com todas as outras características do personagem len-

---

101 Em tradução e análise nossa do original “3. Importance subordonné des noms propres. Développement de 3 : a) Cas de transport du nom du père ou grand-père au fils, ou de réduction de deux personnages à un, ou de réduction partielle de [ ] ; b) Cas de dédoublement d'un personnage ; c) Cas de défiguration et d'étimologie ; d) Usage germanique des composés. Ici note sur les éléments constitutifs d'un être légendaire. Le nom n'a ni plus ni moins d'importance que tout autre côté. Il n'est pas comme chez un individu vivant une étiquette sur la personne, mais au même rang que les autres choses, et à ce point de vue plus important ; seulement ce qui compense, c'est que tandis que les autres caractères de l'individu sont inséparables de lui, et restent la base ferme de son identité même s'il change de nom, tout trait de l'être légendaire peut se dissiper au premier souffle avec autant de facilité que le nom.”

dário: físicas, psicológicas, acontecimentos, relações interpessoais etc. É nesse sentido que, nem mesmo fundamentando-nos nas características do personagem, poderemos supor uma identidade.

Além disso, deve-se notar que, no trecho acima, o nome próprio deixa de ser uma palavra isolada – ou que escapa à lei geral – e torna-se uma palavra relacional, ou seja, vai adquirir valor por intermédio das relações estabelecidas no sistema da lenda e estará submetida à transmissão no tempo. Em outro trecho do manuscrito, Ms. Fr. 3958/8, a natureza relacional dos nomes próprios é mais evidente:

*Sobretudo ver que o nome não é mais do que um elemento a.b.c.d. colocado exatamente no mesmo nível; porque isso é sem dúvida o que mais cobre a verdade do que estamos tentando afirmar [...] é necessário ver bem, passo a passo, qual é a natureza fundamental dos seres sob [sic] os quais se fundamenta a mitografia. Reconhecer que o nome tem tanto ou tão pouco valor. (Saussure apud Turpin: 388, 2003, grifos nossos).<sup>102</sup>*

Como podemos constatar, estamos diante de um sistema semiológico, que possui semelhanças com o sistema linguístico e, além disso, pode ser analisado por intermédio dele. No entanto, esses dois sistemas parecem se diferenciar em um aspecto que diz respeito especificamente ao nome próprio, e esse aspecto consiste no seguinte: por um lado, ao proferirmos a frase “Dona Marly fez o almoço” em um contexto determinado, o nome “Marly” refere-se a

---

102 Em tradução nossa do original «Surtout voir que le nom n'est qu'un des éléments a.b.c.d placés exactement sur le même rang ; car c'est là sans doute ce qui voile le plus la vérité de ce que nous essayons d'affirmer ; (...) il faudrait bien en venir à voir, de proche en proche, quelle est la nature fondamentale des êtres sur lesquelles [sic] raisonne la mytographie. À reconnaître que le nom a juste autant ou juste aussi peu de valeur».



uma certa entidade que possua esse nome. Há, portanto, uma fixidez e a consciência de que esse nome se aplica a um determinado objeto naquele momento. Por outro lado, se estivermos contando uma lenda, baseada em fatos históricos que ocorreram há dois séculos, e proferirmos a mesma sentença – “Dona Marly fez o almoço” – , não estamos em nenhum sentido nos referindo a uma entidade determinada que receba o nome de Dona Marly. Trata-se, portanto, de um referente que se perdeu a partir do momento em que o fato histórico tornou-se uma narrativa utilizada pela massa falante e inserida no tempo histórico.

Nesse ponto, é interessante explicitar a hipótese de Choi (1997) sobre a maneira com que Saussure lida com a questão referencial em seus estudos sobre as lendas germânicas. De acordo com esse autor, Saussure teria como objetivo tratar do momento em que algo não-semiológico – que seria o fato histórico – torna-se semiológico. Para esse autor, esse momento constitui-se quando:

(...) Saussure observa no ato de contar um momento em que a palavra plena de sentido direto transforma-se em “palavra pura”. Note-se que a “palavra pura” em questão não designa nada mais que uma palavra privada de contaminação referencial. Negada a origem referencial, ela funciona, por assim dizer, como puro significante. (Choi 1997: 205)<sup>103</sup>

A palavra plena de sentido direto seria a palavra que possui uma relação referencial. A partir do momento em que essa palavra é inserida no discurso lendário, torna-se uma palavra privada do

---

103 Em tradução nossa do original “ [...] Saussure observe dans l’acte de raconter un moment où le mot plein de sens direct se transforme en «mot pur». Précisons que le «mot pur» en question ne désigne rien d’autre qu’un mot privé de contamination référentielle. Délié de l’origine référentielle, il fonctionne pour ainsi dire comme pur signifiant.”

referente. E é justamente por ser privada desse referente que ela se torna uma “palavra pura”, que atenderia aos requisitos de funcionamento de um sistema semiológico.

Dessa forma, ao que nos parece, o nome próprio poderia possuir o estatuto de palavra isolada na língua, porque algo em sua constituição seria positivo, adquirido no momento da fala. O nome próprio seria, nesse sentido, uma palavra contaminada pelo referente. Em contrapartida, ao ser inserido em uma narrativa lendária, o nome próprio nada mais seria do que uma das características de um determinado personagem e, enquanto tal, não é fixo, mas sim passível de mudanças.

Esse movimento só é possível, pois a origem referencial do nome próprio lendário foi esquecida, perdida. Se não é conveniente que se mude o nome de uma cidade com frequência, o mesmo não ocorre com as localidades geográficas presentes na lenda: a transposição ou a mudança de nomes de lugares não afeta a transmissão da lenda e a prova maior disso é a existência de várias versões de uma mesma lenda, recorrentes em territórios diferentes.

## **REVISÃO**

Samuel Ponsoni

## **CAPA E PROJETO GRÁFICO**

Estúdio Guayabo

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Henriques, Stefania Montes

O caso mais grosseiro da semiologia [livro eletrônico] : o que Saussure pode nos dizer sobre os nomes próprios? / Stefania Montes Henriques. -- Campinas, SP : Editora da Abralín, 2021. -- (Altos estudos em linguística)

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-09-4

1. Linguagem e línguas 2. Linguística 3. Linguística - Estudo e ensino  
4. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913 - Crítica e interpretação  
5. Semiologia 6. Semiótica I. Título. II. Série.

21-81232

CDD-410

---

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Linguística 410

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI 10.25189/9788568990094